



ORIENTE MÉDIO

Omar Al-Qattaa/AFP

Gaza, uma pátria em perigo



Itamar Ben-Gvir e Israel Katz, ministros israelenses da Segurança Nacional e da Defesa, anunciam plano de expulsão de moradores do enclave. Palestinos não escondem o temor de uma saída forçada do território de 2,3 milhões de habitantes

» RODRIGO CRAVEIRO

Entre os moradores da Faixa de Gaza, o medo converge a uma palavra: expulsão. O receio encontra fundamento em um anúncio feito, em 3 de setembro passado, pelo ultradireitista Itamar Ben-Gvir. O ministro da Segurança Nacional de Israel revelou as bases do que chamou “Desengajamento 710” — uma alusão ao massacre de 7 de outubro de 2023. O plano do assessor do premiê Benjamin Netanyahu envolve a remoção de 250 mil cidadãos palestinos do enclave no primeiro ano; com mais 1,86 milhão até 2033. Israel Katz, titular da Defesa israelense, também renovou os apelos para que os Estados Unidos apoiem a remoção em massa dos palestinos de Gaza. O chanceler Gideon Sa’ar destoeu de Ben-Gvir e de Katz e garantiu que a população do enclave não será forçada a sair. No entanto, sublinhou que o Estado judeu não colocará oposição a uma retirada voluntária de palestinos em direção a países vizinhos.

O jornalista freelance Hassan Marwan Ayesh, 27 anos, reconhece um de seus maiores temores: uma expulsão da Faixa de Gaza. “Isso não é uma discussão política abstrata para mim, mas uma ameaça à minha casa, à minha família, à minha identidade e à minha vida inteira”, desabafou ao **Correio** o morador da Cidade de Gaza. A história de Ayesh se confunde com a de tantos palestinos. Ele os familiares foram deslocados muitas vezes entre o norte de Gaza e a capital. “Nossa casa foi destruída. Nós permanecemos aqui porque Gaza é nossa pátria, não um lugar que podemos simplesmente abandonar. Não queremos ser forçados a um outro Nakba ou a nos tornar refugiados uma vez mais”, acrescentou.

Nour Al-Huda fugiu da Cidade de Gaza e hoje divide uma tenda com o marido e a família dele em Al-Mawasi, no sul do território palestino, próximo a Rafah. Assim como Ayesh, Al-Huda disse que a possibilidade de uma saída forçada de Gaza a assusta “profundamente”. “Estamos exaustos do deslocamento, da migração, de perder

Três perguntas para

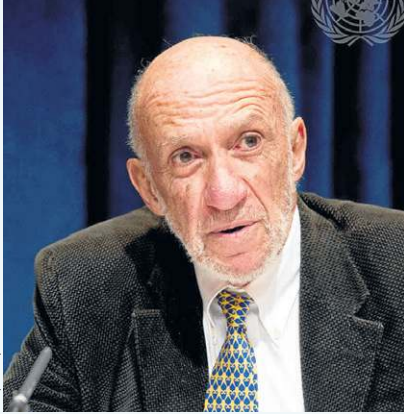
RICHARD A. FALK, EX-RELATOR ESPECIAL DA ONU SOBRE A PALESTINA, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE GAZA E PROFESSOR EMÉRITO DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE PRINCETON (NOVA JERSEY)

Como o senhor vê o plano de migração voluntária de moradores de Gaza defendido por Itamar Ben-Gvir?

Se eu fosse palestino, não depositaria nenhuma confiança no “plano de migração voluntária” proposto por Ben-Gvir. Isso significaria aceitar um exílio permanente da terra natal, que é direito de nascimento dos palestinos, e a supremacia de Israel, mesmo que acompanhada de incentivos financeiros. Além disso, uma leitura atenta do plano, divulgado com grande alarde no início de setembro, sugere que sua implementação não é “voluntária” em nenhum sentido relevante. O plano divulgado sob o nome “Desengajamento 710” exige que países estrangeiros estejam preparados para acolher um determinado número de palestinos e conceder-lhes certo grau de reconhecimento jurídico ao chegarem. Segundo Ben-Gvir, vários países estão dispostos a participar do acolhimento de palestinos e receberão pagamentos de Israel por isso.

Quantos palestinos de Gaza migrariam, segundo o plano?

A emigração seria incentivada por



Arquivo pessoal

meio de subsídios e, onde necessário, pela coerção. A ideia de Ben Gvir é que ela seja feita em sete anos. No primeiro ano, 250 mil palestinos emigrarão; em três anos, 1,1 milhão; e, ao fim de sete anos, projeta-se que 1,86 milhão de palestinos terão emigrado, enquanto o pequeno contingente não abrangido pelo programa partirá por meios próprios.

Na sua opinião, quais são as intenções reais de Israel?

Ao longo de sua história, o movimento sionista esperou por boas oportunidades

para perseguir suas ambições expansionistas. Aceitou a Declaração Balfour após a Primeira Guerra Mundial, a qual continha uma promessa britânica de um lar nacional judaico. Após a Segunda Guerra Mundial, a liderança sionista aceitou a proposta de partilha da ONU, que dividia a Palestina — então sob domínio otomano e, posteriormente, sob mandato — em Estados separados, com Jerusalém como cidade internacional. Mais tarde, após a Guerra de 1967, o país não apenas incorporou unilateralmente toda a Jerusalém a Israel, mas também apresentou reivindicações territoriais para exercer controle soberano sobre as Colinas de Golá, que anteriormente faziam parte da Síria. Mais recentemente, Israel deixou claro que busca incorporar a Cisjordânia por meio da anexação e repudiou formalmente qualquer intenção de permitir o surgimento de um Estado palestino viável. Semanas antes do ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro, Benjamin Netanyahu havia exibido um mapa do que chamou de “Novo Oriente Médio”, no qual a realidade palestina estava completamente apagada. Não há indícios de que ele tenha abandonado esse objetivo. (RC)

sendo alvo de ataques, totalizando mais de mil mortes confirmadas. Com o passar do tempo, os palestinos têm enfrentado condições desesperadoras e adversas, incluindo a escassez crítica — com risco de vida — de alimentos, suprimentos médicos e água potável, além de viverem em tendas precárias, que oferecem pouca proteção contra tempestades e variações de temperatura, resultando em uma devastação ecológica total em Gaza.”

Também presidente do Tribunal de Gaza (tribunal de consciência e de opinião pública que investiga e documenta crimes de guerra de Israel), Falk explicou que o plano do presidente dos EUA, Donald Trump, busca excluir os palestinos da administração política de Gaza, durante um período de transição, no qual o território seria ocupado por uma Força Internacional de Estabilização. “O plano evita endossar diretamente a expulsão dos palestinos de Gaza, oferecendo-lhes a opção de partir com direito de retorno. Vários fatores sugerem que Israel buscará ir além das ambiguidades do Plano Trump no que diz respeito à presença palestina em Gaza. Em primeiro lugar, as condições ecológicas existentes em Gaza tornam esse território praticamente inabitável para os palestinos — especialmente para aqueles que estão criando filhos e se encontram em uma fração de Gaza que era, anteriormente, perigosamente superlotada”, comentou. “Em segundo lugar, os líderes israelenses apontam a expulsão dos palestinos ou a ocupação permanente de Gaza como as únicas políticas aceitáveis na busca por um futuro pacífico para Israel. Em terceiro, uma expulsão ajudaria a neutralizar o que os israelenses chamam de ‘bomba demográfica’ — a qual, devido às altas taxas de fertilidade palestinas, ameaça a maioria judaica, em declínio na Palestina como um todo”, acrescentou. Por fim, Falk admitiu que a migração forçada daria maior estabilidade à busca sionista por um Estado de supremacia judaica — conforme preconizado na Lei Básica de Israel de 2018 — e tornaria o estabelecimento de uma “Grande Israel”, incorporando a Cisjordânia, mais solidamente judaica ao longo do tempo.

AMÉRICA LATINA

Incêndio no Chile mata 16

Um incêndio em um lar de idosos no município de Pitufuquén, ao sul de Santiago, no Chile, deixou 16 mortos e vários moradores hospitalizados ontem (12). Segundo informações locais, a instituição apresentava diversas irregularidades no funcionamento. O fogo começou na noite de sexta-feira e continuou até as primeiras horas da manhã de ontem, quando foi extinto.

Dezenas de bombeiros, policiais e equipes de emergência participaram da operação para conter as chamas no local. Um caminhão de bombeiros foi posicionado na entrada do estabelecimento, de um único andar, e lançou água para combater o fogo, de acordo com imagens nas redes sociais. Vídeos que circulam nas redes sociais mostram chamas enormes e muita fumaça subindo pelo imóvel.

Durante toda a manhã de ontem, os bombeiros ainda trabalhavam para remover os escombros e o telhado de metal que desabou por conta das chamas. Além disso, por segurança, a polícia isolou uma área. Em comunicado, a prefeitura local lamentou o caso. “Lamentamos e expressamos nossa dor e consternação diante do falecimento de 16 pessoas idosas neste

incidente, e transmitimos nossas condolências aos familiares e pessoas próximas das vítimas. Decretamos luto municipal por três dias. Durante esse período, a bandeira será hasteada a meio mastro, e os atos públicos, cerimônias oficiais e atividades festivas organizados pela prefeitura serão suspensos e, posteriormente, remarcados.”

“Pena e dor”

O lar de idosos em Pitufuquén, a 640 km ao sul da capital, Santiago, abrigava um total de 26 pessoas, e no momento do acidente havia apenas uma cuidadora. Os sobreviventes foram levados para o hospital local, disse a prefeita Jacqueline Romero, em um comunicado divulgado nas redes sociais da cidade: “Dez idosos foram resgatados e trazidos ao hospital, mas lamentamos o falecimento dos outros 16. É uma situação que enche a alma de muita pena e dor”.

De acordo com as informações locais, o Ministério Público iniciou uma investigação, segundo Jorge Granada, promotor responsável pelo caso. “Estamos realizando diligências, entre outras investigações

AFP



Tragedia: o incêndio matou 16 pessoas e outras 10 estão hospitalizadas

além do trabalho no local, para determinar a origem e a causa do incêndio, bem como para descartar a intervenção de terceiros”,

relatou à imprensa. Além disso, os proprietários da residência de repouso foram intimados a depor.

» Xi Jinping critica EUA e Israel

O presidente da China, Xi Jinping, denunciou ontem, na Cúpula do Brics, em Nova Délhi, na Índia, que a guerra do Oriente Médio desencadeou os ataques dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã “não atende aos interesses comuns” do planeta. O conflito na região é um dos grandes temas da reunião de dois dias em Nova Délhi, que envolve os líderes da China, Índia, Rússia e Irã. O Brasil enviou o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira. O grupo de 11 membros, que representa 40% do PIB mundial e mais de 25% do comércio global, pediu “cautela máxima” às partes envolvidas no conflito no Oriente Médio, numa declaração que traduz preocupação com a escalada regional. O presidente chinês afirmou na cúpula, segundo declarações divulgadas pela agência estatal Xinhua, que “à medida que a situação no Oriente Médio e no Golfo continua evoluindo, a guerra tem causado graves perdas aos povos da região”.